

DIFERENTES CONCEPÇÕES DE LEITURA EM DIFERENTES ÁREAS DO CONHECIMENTO*

*Adriana Maria Seifenus Gasperin***

Resumo: O texto que segue busca refletir sobre o que é leitura, suas práticas nas diferentes áreas do conhecimento e a problemática da falta de compreensão leitora. Fala também sobre a quem cabe o trabalho efetivo com a leitura na sala de aula.

Palavras-chave: Leitura. Concepção. Conhecimento. Compreensão Leitora.

Abstract: The present article intends to reflect about what is reading, its practices in the different knowledge areas as well as the whole problematic about the non-comprehension reading. It also reflects on who is effectively responsible for the reading practice in the classroom.

Key words: Reading. Conceptions. Knowledge. Reading Comprehension.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo, de conclusão do curso de Pós-Graduação em Ensino de Língua Portuguesa, apresenta um estudo intitulado “Diferentes concepções de leitura dos professores em

* Artigo apresentado ao Curso de Pós-Graduação *Latu Sensu*, em Ensino de Língua Portuguesa do Centro Universitário UNIVATES, para a obtenção do título de especialista em Ensino de Língua Portuguesa e orientado pela prof^ª Maria Alvina Mariante.

** Especialista em Ensino de Língua Portuguesa.

diferentes áreas do conhecimento”. O trabalho propõe um olhar sobre as concepções de leitura e sua efetivação nas práticas escolares, enfatizando a problematização da compreensão leitora. Reagindo ao problema da falta de compreensão leitora e às dificuldades de leitura, a proposta de trabalho investiga o que cada um dos professores de 5ª e 6ª séries entende por leitura e a maneira como são realizadas as práticas dessa atividade na sala de aula.

Para tanto, apresenta-se na primeira parte breve histórico da leitura e no item 2.2 diferentes concepções do que é ler e do que é leitura, sob o ponto de vista de diferentes autores. Em 2.3 tem-se uma reflexão sobre as práticas de leitura e o compromisso que todas as áreas do conhecimento têm com essa tarefa.

Após a primeira parte, que contém os pressupostos teóricos, apresenta-se a parte 3, na qual consta a justificativa e o objetivo da realização do presente artigo. Também nessa parte tem-se uma amostragem do corpus desta pesquisa e a apresentação dos instrumentos utilizados. Como conclusão do trabalho, a parte 4 exhibe uma análise dos dados obtidos, confrontando-a com a teoria estudada.

2 DIFERENTES CONCEPÇÕES DE LEITURA

2.1 História da leitura

A leitura permite que andemos por diversos caminhos, sem mesmo conhecê-los. Ao longo dos anos, as sociedades apresentaram diversas maneiras de ler. E toda a história de prática de leitura é uma história daquilo que, ao longo dos anos, escreveu-se e leu-se.

Segundo os historiadores Guglielmo Cavallo e Roger Chartier, a leitura é uma prática que apresenta gestos, espaços e hábitos. Portanto, ao observarmos como ela acontece ao longo dos anos, é preciso levar em conta as comunidades de leitores, as tradições de leitura e as maneiras de ler. A cada período encontram-se contrastes nas competências de leitura, na divisão entre alfabetizados e analfabetos. Além disso, todo o que lê possui sua habilidade particular.

[...] a história da leitura encontrou um poderoso auxílio na história da alfabetização, a das normas e das competências culturais e a da difusão e dos usos do impresso. Ela apareceu como o prolongamento possível, necessário, dos estudos clássicos que desenharam, para diferentes locais europeus, a conjuntura da produção editorial, a sociologia dos possuidores de livros, a clientela dos livreiros, dos gabinetes literários e das sociedades de leitura (Cavallo; Chartier, 2002, p. 36).

O ato de ler permite sua apropriação a todo e qualquer ser humano, porém ainda existem classes menos favorecidas que possuem pouco acesso. Nos primórdios, a leitura era tida como instrumento de dominação por parte da elite. Assim também, por um longo período, a leitura da bíblia era restrita ao clero.

É verossímil que escritos mais simples como – alguns decênios mais tarde – as biografias de Cornélio Nepos ou os feitos de César contados por seus generais pudessem envolver também uma faixa de leitores menos instruída (Cavallo; Chertier, 2002, p. 74).

Aos poucos, a realidade foi se modificando, e, gradativamente, as pessoas passaram a dominar a habilidade de ler, tendo então contato com diferentes gêneros textuais, democratizando-se o saber a partir de então. Segundo Márcia Abreu (1999), nem sempre a leitura foi vista como positiva - por vários momentos tentou-se afastar o homem da leitura. No século XVIII acreditava-se que ela fosse perigo para a saúde. Depois havia ainda a leitura que prejudicava a alma, a moral, que eram normalmente os textos literários. Por isso, na França, criaram-se leis que proibiam a criação e a venda de romances. Acreditavam que os livros fossem capazes de difundir idéias, o que fez com que a igreja julgasse-os como inconvenientes:

Razões semelhantes às que deram origem ao desejo de controlar leituras religiosas conduziram à vontade de banir livros tidos por subversivos, seja porque contestavam o sistema político em vigor, seja porque questionavam atitudes dos governantes, seja porque os ridicularizavam [...] (Abreu, 1999, p. 13).

Abreu (1999) afirma ainda que a leitura, assim como o contato com a instrução que se dava na escola, permitiriam perceber as desigualdades sociais, o que geraria descontentamento e insubordinações. O objetivo maior era que os pobres permanecessem pobres, sem alimentar idéias que os fizessem buscar mudar seu estado. Por isso, muitos livros e autores eram perseguidos. O objetivo era interditar leituras, silenciando o desejo de transformação. A ordem deveria ser mantida. Esse repúdio à leitura é facilmente compreensível devido a sua estreita relação com questões políticas, estéticas, morais e religiosas em diferentes épocas e locais, em que o homem esteve próximo ao texto.

Conforme apresenta Barbosa (1994), é possível sintetizar a influência dos séculos que dão início a um público leitor. Estima-se que,

[...] até o final do século XVI, a relação do leitor com o livro se restringia aos livros sacros – principalmente a Bíblia –, a partir do século XVII o mercado começa a ser invadido por grande quantidade de obras profanas – almanaques, calendários, contos populares e amorosos – com grande sucesso entre as camadas mais pobres da população. A partir do século XVIII, sob a influência da revolução econômica, política e cultural que se desenrola no Ocidente, tem início a formação de um público leitor (Barbosa, 1994, p. 104-105).

O surgimento da história da leitura marca uma verdadeira revolução para esse século.

2.2 O que é ler/O que é leitura

Ler costuma significar a extração ou a atribuição do significado do texto. Sabe-se que muitas são as concepções de leitura, e, para que se discuta um pouco mais a respeito desse assunto, faz-se necessário conhecermos algumas concepções de leitura. Entender como costuma ocorrer o processo de leitura em sala de aula e que medidas podem ser tomadas para que essa atividade traga resultados é o que me proponho a observar.

Ler é entrar em contato com escritos que sejam reais de acordo com a necessidade imposta por uma determinada situação de vida. Não é por meio da simples decodificação de símbolos que o ser humano torna-se um leitor. É necessário, sim, que leia, atribuindo um sentido para o texto escrito, e, para que isso ocorra, a *interação entre leitor e texto é necessária*. A leitura passa a ser uma produção de significados. Ao ler, o indivíduo, munido de seus conhecimentos prévios, mergulha em sua própria vivência, reflete e concretiza o conhecimento.

Partindo de uma concepção cognitivista, interacionista, para Leffa (1996), o processo da leitura pode ser defendido em quatro enfoques diferentes:

A definição geral tem a finalidade de oferecer a essência do ato de ler [...] A leitura é basicamente um processo de representação. [...] A leitura não se dá por acesso direto à realidade, mas por intermediação de outros elementos da realidade. [...] Ler é, portanto, reconhecer o mundo através de espelhos. [...] Não se lê, portanto, apenas a palavra escrita mas também o próprio mundo que nos cerca. [...] (Leffa, 1996).

As definições específicas atêm-se, cada uma, a um determinado pólo da leitura, desconsiderando o outro. [...] Duas definições antagônicas são contrastadas: (a) ler é extrair significado do texto e (b) ler é atribuir significado ao texto [...] Ao se usar o verbo extrair, dá-se mais importância ao texto. Usando o verbo atribuir, põe-se a ênfase no leitor. [...] (Leffa, 1996).

Finalmente, a definição conciliatória tenta captar justamente os elementos que unem os dois pólos..., segundo esta visão "ler é interagir com o texto". [...] Para compreender o ato da leitura temos que considerar então (a) o papel do leitor, (b) o papel do texto e (c) o processo de interação entre o leitor e o texto. [...] Leitura implica uma correspondência entre o conhecimento prévio do leitor e os dados fornecidos pelo texto (Leffa, 1996, p. 9, 10, 11, 17, 22).

Não é espontaneamente que se desenvolvem leitores. O aluno, em sala de aula, precisa ser instrumentado e orientado pelo professor para que possa ler, não fragmentando o texto em partes e decifrando palavras e frases, mas construindo um sentido para cada palavra, cada frase, elaborando a idéia geral do texto que geralmente está implícita. Esse ato se dá por meio da reflexão mediante as informações trazidas pelo texto e suas inter-relações. Ler é então atribuir significados, relacionando-os com os conhecimentos prévios do leitor, buscando compreender os sentidos.

Entende-se ainda que o papel do leitor não é só importante no ato da compreensão daquilo que lê, mas também no aprimoramento de sua habilidade leitora, ou seja, o próprio leitor precisa fazer a sua parte. Todo o texto remete a outros textos, o que chamamos de

intertextualidade. E, na escola, desenvolvemos a capacidade de estabelecer relações e conexões entre os conhecimentos que se inter-cruzam no texto.

Segundo Maria Helena Martins (1994, p. 25), os educadores sentem a necessidade do “hábito de ler”. “A leitura seria a ponte para o processo educacional eficiente, proporcionando a formação integral do indivíduo”. Da mesma forma Leffa (1996) afirma que:

Uma das características fundamentais do processo de leitura é a capacidade que o leitor possui de avaliar a qualidade da própria compreensão. O leitor deve saber quando está entendendo bem o texto, quando a compreensão está sendo parcial ou quando o texto não faz sentido.

O leitor eficiente sabe também o que fazer quando está tendo problemas com o texto (Leffa, 1996, p. 45).

Um leitor eficiente não se preocupa apenas com a simples decodificação, mas com a essência que extraiu do texto e com as relações que pôde estabelecer. O leitor eficiente é capaz de superar a linearidade da escrita e embarcar no hipertexto, concretizando a interatividade e a intertextualidade ali presentes. Assim a tarefa de ler exige do leitor mais criatividade.

A esta conclusão também chega Solé (1998, p. 22), quando afirma que “a leitura é um processo de interação entre o leitor e o texto; neste processo tenta-se satisfazer [obter uma informação pertinente para] os objetivos que guiam sua leitura.” Para que ocorra esse processo, a escritora ressalta que é necessário um leitor ativo, um objetivo que guie a leitura e uma finalidade a ser alcançada. Então o leitor constrói o significado do texto.

Conforme posicionamento de Kleiman e Moraes (1999):

A leitura tem sido chamada a atividade cognitiva por excelência pelo fato de envolver todos os nossos processos mentais. A compreensão de um texto (seja ele escrito ou falado) exige o envolvimento da atenção e a percepção, a memória, o pensamento. Esses processos mentais realizam, durante a leitura, operações necessárias para a compreensão da linguagem, tais como o raciocínio dedutivo (próprio da inferência, da leitura das entrelinhas) e o raciocínio indutivo (necessário para a predição baseada no conhecimento de mundo, de outros textos, do autor, das condições sociais em que se vive) (Kleiman; Moraes, 1999, p. 126).

Teresa Colomer e Anna Camps (2002, p. 31-32) acreditam que:

Em suma, ler, mais do que um simples ato mecânico de decifração de sinais gráficos, é antes de tudo um ato de raciocínio, já que se trata de saber orientar uma série de raciocínios no sentido da construção de uma interpretação da mensagem escrita a partir da informação proporcionada pelo texto e pelos conhecimentos do leitor e, ao mesmo tempo, iniciar outra série de raciocínios para controlar o progresso dessa interpretação de tal forma que se possam detectar as possíveis incompreensões produzidas durante a leitura.

Ainda em sua obra as autoras apontam que:

[...] a leitura deixou de ser considerada como um processo psicológico específico para incluir-se entre os processos gerais de representação humana da realidade e adotou a perspectiva teórica de um modelo psicolingüístico-cognitivo (Colomer; Camps, 2002, p. 61).

A partir do que foi exposto sobre o que é leitura, na visão de autores que se enquadram na concepção cognitiva/interacionista, Martins (1994) observa que “as inúmeras concepções vigentes sobre leitura, a grosso modo, podem ser sintetizadas em duas caracterizações”:

a) como decodificação mecânica de signos lingüísticos, por meio de aprendizado estabelecido a partir do condicionamento estímulo-resposta (perspectiva behaviorista - skinneriana);

b) como processo de compreensão abrangente, cuja dinâmica envolve componentes sensoriais, emocionais, intelectuais, fisiológicos, neurológicos, tanto quanto culturais, econômicos e políticos (perspectiva cognitivo-sociológica).

Na verdade, a última concepção permite uma abordagem mais ampla e mais aprofundada, porém ambas são necessárias, pois não há compreensão sem decodificação. Deve-se pensar a questão dialeticamente. Poder-se-ia acrescentar a essa definição uma terceira concepção sintetizada, que fica mais em torno do que consiste ler para Leffa (1996): *atribuição de significado ao texto. A riqueza da leitura está na experiência do leitor ao processar o texto.*

Se perguntarmos a nós mesmos o que é leitura, perceberemos que a resposta será diferenciada. Isso ocorre pois a leitura é um ato individual, no qual o leitor participa com uma aptidão, que está ligada à experiência pessoal. É um processo que começa antes mesmo do contato com o texto. Ler é um processo que representa a reflexão e a tentativa de construir sentido para a linguagem. É um ato pessoal e não é automático, mas uma construção de relações entre o conhecimento e o texto em si.

Misteriosamente, continuamos a ler sem uma definição satisfatória do que estamos fazendo. Sabemos que a leitura não é um processo que possa ser explicado por meio de um modelo, mecânico; sabemos que ocorre em certas áreas definidas do cérebro, mas sabemos também que essas áreas não são as únicas a participar, sabemos que o processo de ler, tal como o de pensar, depende da nossa capacidade de decifrar e fazer o uso da linguagem, do estofo de palavras que compõe o texto e pensamento (Manguel, 1997, p. 54-55).

Olson (1997, p. 159) mostra que as mudanças conceituais que introduziram à modernidade podem ser vistas como o aprendizado de uma nova forma de leitura. Dessa forma, as inovações nas maneiras de ler provocaram o surgimento de novas maneiras de pensar sobre o mundo e a mente. Portanto: “O termo ‘leitura’ pode ser aplicado, e é efetivamente aplicado, a práticas muito diferentes”.

Há uma outra concepção de leitura na visão de alguns autores, que a consideram como ato social e político. Na visão de Abreu (1999, p. 15): “a leitura não é prática neutra. Ela é campo de disputa, é espaço de poder.” O que significa que a leitura tem estreita relação com as questões políticas e sociais. Britto (1999), tratando de leitura e política, observa que, em relação à leitura e à construção do conhecimento, não se deve desconsiderar a maneira como é elaborada e veiculada a informação. O conhecimento só é construído em determinado contexto pois o indivíduo dispõe de condições de manipulação de informações. Complementa afirmando que:

[...] a prática de leitura é fundamental para o desenvolvimento intelectual dos sujeitos, contribuindo de forma inequívoca para a construção de uma sociedade mais equilibrada, em que haja mais justiça, produtividade e criatividade (Britto, 1999, p. 83).

Britto (1999, p. 84) deixa claro que considera “a leitura como um ato de posicionamento político diante do mundo e uma ação cultural historicamente construída.” Por sua vez Silva (1983) complementa essa idéia dizendo-nos que:

Além disso, quando escolho uma obra para ler, estou na verdade querendo sair do círculo de mensagens alienantes e robotizantes que a sociedade de consumo freqüentemente me impõe. Optar pela leitura é, então, sair da rotina, é querer participar do mundo criado pela imaginação de um determinado escritor. Ler é, basicamente, abrir-se para novos horizontes, é ter possibilidade de experienciar outras alternativa de existência, é concretizar um **projeto consciente**, fundamentado na vontade individual. Saber ler e executar esse ato, crítica e freqüentemente, é, em última instância, possuir mais elementos para pensar sobre a realidade e sobre as nossas condições de vida (Silva, 1983, p. 46).

Assim, segundo Silva (1983), o ato de ler é um momento de questionamento e de contestação que permite ao indivíduo situar-se na realidade e posicionar-se frente aos desafios. O indivíduo crítico participa mais ativamente na sociedade e melhora sua condição de ser humano.

Ainda segundo os apontamentos de Silva (1983), a leitura deve ser vista como uma conquista humana. Toda sociedade produz memória cultural, e a leitura é um instrumento para o conhecimento e a transformação:

Por isso mesmo, o processo de leitura apresenta-se como uma atividade que possibilita a participação do homem na vida em sociedade, em termos de compreensão do presente e passado e em termos de possibilidades de transformação cultural futura. E, por ser um instrumento de aquisição e transformação do conhecimento, a leitura, se levada a efeito crítica e reflexivamente, levanta-se como um trabalho de combate à alienação (não

racionalidade), capaz de facilitar ao gênero humano a realização de sua plenitude (liberdade) (Silva, 1983, p. 22-23).

O autor complementa afirmando que a leitura crítica é vital ao processo ensino/aprendizagem nas escolas brasileiras e aos modos de participação democrática em sociedade. A criticidade pode levar o indivíduo a enxergar o avesso das coisas. Na sociedade os usos da leitura são diversificados e múltiplos.

2.3 Práticas de leitura¹, nas diferentes áreas do conhecimento

A leitura faz parte do nosso dia-a-dia. E, portanto, um ato natural. Porém, é bastante complexo o trabalho de formação de leitores. Sabe-se que, em outros momentos da história, pensava-se a formação de leitores a partir de finalidades bem distintas das atuais. Hoje ainda temos desenvolvido em nossas práticas algumas metodologias que dão uma certa continuidade a antigas concepções de ensino da leitura, mesmo que não concordemos com as mesmas. Porém, aos poucos, inovadoras técnicas de leitura vão surgindo, buscando tornar presente na escola o uso social da leitura. Cada vez mais acredita-se que é necessário desenvolver no aluno a competência de leitura.

Estudos indicam que a leitura é um compromisso da escola e, acima de tudo, de todas as áreas. Vale mencionar um trecho da obra: “Ler e escrever: compromisso de todas as áreas”, de Paulo Coimbra (2000), cujos organizadores afirmam que:

[...] os exercícios de leitura e de escrita devem proporcionar aos alunos condições para que eles possam, de forma permanente e autônoma, localizar a nova informação, pela leitura do mundo, e expressá-la, escrevendo para o mundo. Ler e escrever são tarefas na escola, em cada sala de aula e na biblioteca, esta como o espaço convergente de todas as atividades. É nela que se estimula a circulação e a transferência da informação, que se favorece a convivência dos diferentes segmentos da comunidade escolar, pertencendo, portanto, a todos os usuários e, ao mesmo tempo, não sendo propriedade exclusiva de uns ou de outros. A escola que não olha para sua biblioteca, que não a vê como espaço do professor – com livros para seu aperfeiçoamento continuado – e do aluno, descarta da leitura e da escrita que realiza. Ler e escrever, portanto, implica redimensionar nossas práticas e nossos espaços (Guedes; Souza, 2000, p. 11).

Ainda na introdução da obra “Ler e escrever: compromissos de todas as áreas”, Paulo Coimbra Guedes e Jane Mari de Souza (2000) chamam a atenção de que:

Ler e escrever são tarefas da escola, questões para todas as áreas uma vez que são habilidades indispensáveis para a formação de um estudante [...] Ensinar é dar

¹ Neste estudo, prática de leitura significa o modo como se faz a leitura em sala de aula.

condições ao aluno para que ele se aproprie do conhecimento historicamente construído e se insira nesta construção como produtor de conhecimento. Ensinar é ensinar a ler para que o aluno se torne capaz dessa apropriação, pois o conhecimento acumulado está escrito em livros, revistas, jornais, relatórios, arquivos (Guedes; Souza, 2000, p. 13).

Parece ficar posto que se faz necessário redimensionar a nossa prática diária como educador, já que cabe a nós propiciar ao educando condições para que ele construa seu conhecimento e também aprenda a produzi-lo. Em “Compreensão de leitura: a língua como procedimento” publicado em 2003, sua autora faz o seguinte comentário sobre a leitura:

A leitura na escola precisa ser urgentemente repensada, pelo menos, em tripla dimensão: como objetivo de conhecimento em si mesma; como um instrumento de conhecimento; e como um meio para o prazer, para o desfrute e para a distração. Como objetivo de conhecimento, aprender a ler significa aprender a compreender o que se lê, inserir a leitura, desde o primeiro momento, em contextos significativos e pensar nos métodos para ensinar a ler como meios que se devem flexibilizar em cada situação concreta. É particularmente necessário desmitificar a aprendizagem e ensino da leitura, o abordá-la sem preconceitos [...] (Teberosky, 2003, p. 30).

Em sala de aula, a leitura tem um papel importantíssimo, é com essa atividade que, nós, educadores, formaremos seres críticos. Segundo Magalhães (1999, p. 154), é tarefa da escola criar condições para o aluno desenvolver a competência lingüística e comunicativa, além de uma visão madura e questionadora. Portanto, o professor de Língua Portuguesa deve integrar leitura aos vários níveis. E, nessa atividade, o papel do leitor é fundamental, uma vez que ele “deve ser atuante no processo, colaborando com o autor na decifração do texto, e tentando encontrar o maior número de significados possíveis no mesmo”.

O professor é quem deve mediar o trabalho com a leitura e, como observa Magalhães (1999), deve detectar as dificuldades de compreensão e resolvê-las, observando se há participação efetiva e interação dos alunos com o texto. E afirma ainda que:

Cabe, portanto, ao professor compartilhar com seus alunos – leitores suas vivências de leitura, fortalecendo a visão crítica e criativa dos mesmos, proporcionando-lhes a capacidade de atuar e transformar a realidade social em que vivem (Magalhães, 1999, p. 159).

Segundo se confirma com as citações, há uma certeza de que a leitura é uma experiência de todas as áreas do conhecimento, apesar de nem sempre isso ocorrer. É preciso repensar a maneira como vem sendo conduzida a atividade de leitura, para evitar possíveis frustrações dos educadores frente ao preconceito da falta de compreensão do educando.

Flôres e Rolla (2001), quando se referem à leitura, apontam que:

A experiência escolar, tradicionalmente, limita a leitura à linguagem verbal. O objeto de estudo das aulas de Língua Portuguesa deve ser o texto verbal, embora o texto não-verbal também possa ser objeto de leitura – ler a imagem, ler a indumentária, ler o corpo, mas deve pertencer a outras esferas de conhecimento, como a Arte, a Ciência, a Educação Física, a História, etc. (Flôres; Rolla, 2001, p. 33).

Para que o aluno se sinta capaz de dar sentido ao sinal gráfico que decifrou e possa compreendê-lo, faz-se necessário que a leitura não seja limitada a uma única esfera do conhecimento. O aluno precisa estar preparado para a leitura de outras linguagens.

Kleiman e Moraes (1999, p. 190) têm como tese, em “Leitura e interdisciplinaridade”, que: “a leitura é uma atividade que merece ter lugar central na prática escolar, e que, por isso, merece ser ensinada por todo professor, qualquer que seja a matéria que leciona”.

3 DELINEANDO UM ESTUDO SOBRE LEITURA

3.1 Justificativa

Tendo em vista a importância da leitura no processo ensino-aprendizagem e sentindo a necessidade de ressaltar com os educadores que esta não é apenas uma tarefa do professor de Língua Portuguesa, proponho-me a descrever qual a concepção dos professores, de diferentes áreas do conhecimento, em relação à leitura. A escolha não foi aleatória, escolhi realizar a pesquisa com professores de 5ª e 6ª séries, pois é justamente neste período que surgem as dificuldades tais como: DECIFRAR, COMPREENDER, INFERIR, PREDIZER, SELECIONAR. Optei por trabalhar na escola em que atuo no Ensino Médio e também exerço a função de vice-diretora. Foi atuando na escola como vice-diretora que passei a observar o quanto a maioria dos professores julgam ser tarefa apenas do professor de Língua Portuguesa trabalhar a leitura em sala de aula. Sentindo também as dificuldades apresentadas pelos alunos em relação à leitura, mediante exaustivas queixas dos professores, resolvi investigar as concepções dos professores sobre leitura, de que maneira elas estão presentes nas atividades desenvolvidas e buscar uma explicação para o fato.

Percebo que há uma desmotivação por parte dos alunos em relação à leitura, quando esses ingressam na quinta-série, o que, muitas vezes, cresce na sexta-série. Também vejo que a leitura fica restrita à solicitação do professor.

Acredito que o professor pode servir como referência aos alunos, mas para que isso ocorra, sinto a necessidade de entender qual é a concepção que cada educador tem de leitura e como ela é trabalhada se dá no decorrer das aulas. Talvez pareça ousadia a tentativa de entender como se dá a leitura em sala de aula, mas pretendo contribuir, mesmo que com uma pequena parcela, para a promoção de leitura e o aperfeiçoamento da prática em sala de aula.

Objetivo com o presente artigo confirmar, ou não, a hipótese de que provavelmente não haja uma unidade de pensamento dos professores em relação à leitura. Certamente as

concepções de leitura dos professores serão distintas, bem como a maneira como é conduzida a leitura em sala de aula. Acredito também que, possivelmente, haja alguns professores que realizem costumeiramente ótimos trabalhos de leitura, mas que talvez alguns preocupem-se apenas com a assimilação e fixação dos conteúdos de sua área, esperando que a tarefa de aperfeiçoamento da prática de leitura, bem como o desenvolvimento da capacidade de compreensão leitora, sejam cumpridas apenas pelo professor de Língua Portuguesa.

É possível também que o problema da falta de compreensão leitora, apresentado pelos alunos, esteja relacionado, boa parte, à falta de motivação e incentivo, bem como, o não aprimoramento por meio de diferentes leituras, o que constitui um certo comodismo pelo educando. Procurarei, portanto, identificar de que maneira vem sendo incluído o trabalho com a leitura nas aulas das diferentes áreas do conhecimento, e se de fato há uma preocupação em desempenhar a tarefa. E ainda tentarei entender se há algum motivo que possa gerar as dificuldades dos alunos frente à leitura e à compreensão leitora. Provavelmente, todos educadores mostrar-se-ão preocupados com a aprendizagem da leitura; o que resta concluir é se está havendo alguma contribuição para isso em sala de aula.

3.2 Procedimentos metodológicos

3.2.1 Amostragem

O corpus desta pesquisa constitui-se de oito professores da Escola Estadual de Ensino Médio Poço das Antas, pertencentes a diferentes áreas do conhecimento. Todos lecionam na 5ª e 6ª séries e possuem Licenciatura Plena em suas áreas. Alguns inclusive atuam em mais de uma disciplina.

Cinco professores atuam em duas escolas, nas mesmas áreas. A professora de Língua Portuguesa da 6ª série tem 40 anos de idade e possui Licenciatura Plena em Letras há nove meses. Já a da 5ª série tem 45 anos de idade e possui Licenciatura Plena há dezoito anos. A professora de História tem 41 anos, também com Licenciatura Plena, e está formada há quatro anos. O professor de Geografia tem 47 anos e está licenciado há três anos. A professora de Matemática, que também leciona Educação Artística, possui 35 anos de idade e está licenciada para Biologia há seis anos. A professora de Ciências tem 31 anos, possui Licenciatura em Ciências com habilitação em Matemática há sete meses e está ingressando no curso de Pós-Graduação em Educação Matemática. O professor de Ensino Religioso tem 26 anos, possui Licenciatura em Filosofia há quatro anos e pretende ingressar no Mestrado. Já a professora de Inglês tem 28 anos, possui licenciatura em Letras e está concluindo o curso de Pós-Graduação. As turmas de alunos são bastante numerosas. A 5ª série tem 31 alunos e a 6ª série, possui 33 alunos, alguns oriundos de outras escolas do interior do município já que se localiza na sede.

Vale informar que poucos deles possuem incentivadores de leitura em seus lares e a maioria só tem acesso a um grande número de livros na escola. Também optei por investigar as concepções de leitura de professores de 5ª e 6ª séries pois é neste período que os alunos perdem o contato com um único professor e passam a ter vários que, conseqüentemente, entendem a leitura de maneiras diferentes.

As variáveis apresentadas pelo corpus são pertinentes à escolha e a opção por esse grupo de professores vinculou-se, diretamente, ao objetivo mediato deste estudo.

3.2.2 Instrumentos

Para levantar os dados deste estudo foi elaborada uma entrevista que foi realizada com os professores de 5ª e 6ª séries da Escola Estadual de Ensino Médio Pogo das Antas, instituição onde atuo há três anos, contendo cinco questões abertas, selecionadas a fim de entender quais as suas concepções de leitura, atendendo a necessidade de dados significativos. Os subsídios coletados na entrevista servirão para uma análise qualitativa das concepções abordadas e das práticas desses professores em sala de aula. Apresentei aos professores as questões (conforme Anexo 1), que foram ser respondidas oralmente e por mim registradas, de acordo com o consentimento dos entrevistados.

4 ANÁLISE DOS DADOS

4.1 Considerações e suporte para a análise

Durante a entrevista, os professores demonstraram certa preocupação em responder da melhor forma possível as questões. Muitos mostraram-se relutantes e com dificuldade ao responderem a questão número um: “Para você o que é leitura?”. Alegavam que é difícil sintetizar o que é leitura. Porém todos os professores entrevistados mostraram-se interessados em colaborar com meu trabalho, e a receptividade foi boa. Alguns dos entrevistados chegaram a mencionar que sentiam dificuldades em expor o seu posicionamento e em encontrar as palavras adequadas. Esses depoimentos talvez indiquem o quanto é raro o educador dedicar-se a um momento de reflexão frente às suas práticas. A vivência em sala de aula ocupa a maior parte do tempo desses educadores em preocupações com os alunos, e, muitas vezes, esses docentes chegam a esquecer que também são sujeitos no processo.

Partindo para a análise dos dados, considero importante expor minha concepção sobre a leitura, que, sem sombra de dúvidas, não é original, e sim fruto de uma pesquisa e de um compartilhar com diversos autores. Faz-se necessária a exposição do meu ponto de vista, pois assim compreender-se-á a pretensa análise e também o leitor deste artigo poderá compará-lo com seu próprio ponto de vista.

A perspectiva teórica empregada neste estudo é a interativa², que foi adotada também por Solé (1998):

[...] leitura é o processo mediante o qual se compreende a linguagem escrita. Nesta compreensão intervêm tanto o texto, sua forma e conteúdo, como o leitor, suas expectativas e conhecimentos prévios. Para ler necessitamos,

² Um dos primeiros escritores a falar sobre modelo interativo foi Van Dijk.

simultaneamente, manejar com destreza as habilidades de decodificação e portar ao texto nossos objetivos, idéias e experiências prévias; precisamos nos envolver em um processo de previsão e inferência contínua, que se apóia na informação proporcionada pelo texto e na nossa própria bagagem, e em um processo que permita encontrar evidências ou rejeitar as previsões e inferências antes mencionadas (Solé, 1998, p. 23).

Segundo Solé (1998, p. 23), o modelo interativo “pressupõe uma síntese e uma integração de outros enfoques que foram elaborados ao longo da história para explicar o processo de leitura”.

Também Colomer e Camps (2002, p. 42) fazem menção ao modelo interativo em “Ensinar a ler, ensinar a compreender”:

Em suma, os modelos interativos de leitura, como os que foram propostos por McClelland e Rumelhart (1981), parecem oferecer a explicação mais razoável para integrar as divergências aos resultados empíricos usados como arma pelos defensores das hipóteses sobre como se reconhecem os indícios gráficos durante a leitura. A saída está em postular a interação entre os dois subprocessos – ascendente e descendente – da leitura, subprocessos que se integram na atividade de um sujeito que utiliza a informação visual para identificar as unidades com sentido. Nesse processo de captação deliberada, o que favorece decisivamente a compreensão do leitor é a significação e a amplitude das unidades captadas em um único olhar (Colomer; Camps, 2002, p. 42-43).

Ao ler, o indivíduo coloca em funcionamento mecanismos de nível muito superior a simplesmente reconhecer as palavras. Durante o ato da leitura, o leitor registra aquilo que visualiza do texto e também usa outras capacidades de cognição, a fim de compreender o texto. Para que haja compreensão também é necessário que o texto tenha sentido.

Segundo a perspectiva interativa que se situa neste artigo, Solé (1998, p. 24) aponta que: “[...] para ler é necessário dominar as habilidades de decodificação e aprender as distintas estratégias que levam à compreensão”. Também supõe que:

[...] o leitor seja um processador ativo do texto, e que a leitura seja um processo constante de emissão e verificação de hipóteses que levam à construção da compreensão do texto e do controle desta compreensão – de comprovação de que a compreensão realmente ocorre (Solé, 1998, p. 24).

À medida que o leitor entra em contato com o texto, utiliza seu conhecimento prévio e o conhecimento trazido pelo texto, a fim de construir uma interpretação. “O que o leitor vê no texto e o que ele mesmo traz são dois subprocessos simultâneos e em estreita interdependência. Essa visão do processo constitui o que se chama de modelos interativos de leitura” (Collomer; Camps, 2002, p. 31).

Conclui Leffa (1996):

Ler é um fenômeno que ocorre quando o leitor, que possui uma série de habilidades de alta sofisticação, entra em contato com o texto, essencialmente um segmento da realidade que se caracteriza por refletir um outro segmento. Trata-se de um processo extremamente complexo, composto de inúmeros subprocessos que se encadeiam de modo a estabelecer canais de comunicação por onde, em via dupla, passam inúmeras informações entre o leitor e o texto (Leffa, 1996, p. 24).

4.2 Da análise

Partindo da entrevista realizada com os professores pude chegar a várias possibilidades. Uma delas refere-se à resposta dada pelos professores à questão número um, “Para você, o que é leitura?”. Cada um procurou, com suas palavras, deixar claro que a leitura é a decifração do texto, mas acima de tudo uma porta para o conhecimento. É opinião unânime do grupo que a leitura permite ao aluno ir ao encontro do conhecimento. Conforme a perspectiva interativa, a leitura permite compreender o texto escrito. Nesta compreensão são importantes o leitor, suas perspectivas e conhecimentos prévios, assim como o texto em sua forma e conteúdo. Percebi que é considerada essencial às aulas, e alguns acreditam que, na ausência do ato de ler, o indivíduo apresenta dificuldades até na própria escrita. Sintetizando, ler na opinião dos entrevistados é abstrair alguma informação do texto que talvez esteja obscura. Porém antes disso é preciso compreender; não há inferência, sem antes haver compreensão.

A partir dessas respostas entendi que os professores têm uma idéia do que consiste a leitura, porém em suas respostas acabaram misturando concepções. Provavelmente entendam assim como Leffa (1998) que:

Um dos múltiplos desafios a ser enfrentado pela escola é o de fazer com que os alunos aprendam a ler corretamente. Isto é lógico, pois a aquisição da leitura é imprescindível para agir com autonomia nas sociedades letradas, e ela provoca uma desvantagem profunda nas pessoas que não conseguiram realizar essa aprendizagem (Leffa, 1998, p. 32).

Estão eles, professores, cientes de que resta à escola cumprir essa tarefa, porém provavelmente não sabem ou não estão muito bem preparados para lidar com isso.

Na verdade, nem todas as concepções dos professores estão totalmente apoiadas em referenciais teóricos ou perspectivas teóricas cognitivas interacionistas. Não se referem às estratégias mentais. Conforme o ponto de vista cognitivo, apenas uma resposta esteve enquadrada, ou seja, apenas uma concepção esteve apoiada na concepção teórica de autores como por exemplo Leffa e Solé. As outras concepções são abrangentes e generalistas. Nenhum professor sequer mencionou que são necessários os conhecimentos prévios para que haja leitura.

As respostas à segunda pergunta, “Por que a leitura é importante e o que, na verdade, ela significa?”, permitiram observar que a atividade de leitura, na opinião da maioria dos professores entrevistados, é a peça principal do trabalho que desenvolve em sala de aula. Segundo algumas declarações, seria impossível trabalhar qualquer assunto, adquirir conhecimento, mediante a ausência dessa atividade. Leitura significa para eles construção de conhecimento. Porém, na minha opinião, é preciso entender que não é simplesmente lendo e respondendo algumas questões sobre o texto que estaremos com o domínio do conhecimento. Esse tipo de atividade em vez de ser uma atividade de compreensão, somente avalia. Não é apenas sabendo que a leitura significa o caminho para o conhecimento e sabendo da sua importância que teremos bons leitores. É necessário que os alunos se familiarizem com a leitura, criem um hábito e que a utilizem como fonte de acesso à aprendizagem.

Quanto ao terceiro questionamento, “Você propõe a seus alunos momentos de leitura na sala de aula? Como isso acontece?”, todos responderam que em vários momentos propõem a seus alunos a atividade de leitura. De acordo com a resposta de alguns professores, entendi que a maneira como se trabalha a leitura nem sempre é tão diversificada. Assim, como expuseram nos apontamentos, apresentaram apenas as formas de ler e não o possível trabalho a ser realizado, como, por exemplo, motivar o aluno para a atividade e proceder com orientações, estabelecendo os objetivos para a aula.

Outros, porém, demonstram estarem realizando um verdadeiro trabalho de formação leitora, tentando ativar conhecimentos prévios, motivando-os inclusive para a descoberta do implícito e permitindo que a atividade exija reflexão.

Esse tipo de tarefa destina-se à escola, pois assim como colocam-nos Kleiman e Moraes (2002):

A orientação didática na aula de leitura deve ser planejada a fim de ter efeitos nos seguintes aspectos: 1) na percepção de elementos lingüísticos significativos, com funções importantes no texto; 2) na ativação do conhecimento anterior; 3) na elaboração e verificação de hipóteses que permitam ao aluno perceber outros elementos, mais complexos. Todas essas etapas podem fazer parte de uma aula de leitura concebida como um jogo de linguagem que envolve a adivinhação e a descoberta do sentido que o escritor tentou inscrever no seu texto, elemento imprescindível para o leitor chegar à construção do seu sentido do texto (Kleiman; Moraes, 2002, p. 129).

Quanto à questão número quatro, “Você percebe dificuldades de compreensão leitora em seus alunos? Como você verifica as dificuldades?”, ficou muito claro que o problema das dificuldades de compreensão leitora é comum em todas as áreas do conhecimento, Ciências, História, Geografia, Matemática, Língua Portuguesa, Ensino Religioso e Língua Inglesa. Ficou claro também que a dificuldade normalmente é detectada quando o aluno precisa reproduzir algo. Na maioria das vezes prendem-se à opinião do professor. Um professor inclusive percebeu uma das causas das dificuldades que seria falta do hábito de ler. Aqui fica um questionamento: A quem caberia então desenvolver esse hábito nos alunos? De acordo com

as respostas detectei que muito se espera da compreensão textual e talvez pouco se trabalhe. Estamos a todo momento avaliando a compreensão leitora e talvez esqueçamos de ensinar como se compreende.

Segundo Colomer e Camps (2002, p. 70), “[...] a maioria das pesquisas sobre as atividades de leitura na escola demonstram que nelas não se ensina a entender os textos”. Solé (1998) diz que compreender é realizar um importante esforço cognitivo, é processar e atribuir significado àquilo que está escrito em uma página. Também Flores (2001), em seu artigo: “Significado lingüístico”, faz uma importante afirmação a respeito da compreensão leitora:

[...] uma primeira exigência para obter bons níveis de compreensão é que o indivíduo leitor se aproprie do significado básico do texto, integrando-o às redes de conhecimento que já detém: (1) modo de organização do conhecimento prévio e (2) modo de organização das experiências de vida filtradas pela linguagem, disponíveis em sua memória (Flores, 2001, p. 79).

Assim entende-se que é preciso tornar e dar condições ao aluno, para que aprenda a ler. Encerrando a entrevista questionei-os³ em relação à incumbência do trabalho de ensinar a ler na escola, com quem ficaria. Todos responderam que é uma tarefa de todos os professores. Alguns acreditam inclusive que deve haver maior apoio da família em relação ao trabalho que é desenvolvido na escola e ainda alguns mencionaram que a tarefa é importantíssima nas séries iniciais principalmente. O que resta saber é se realmente esse trabalho vem sendo cumprido por todos a quem caberia, pois os professores da área de Letras, fizeram um apelo dizendo que muitas vezes essa responsabilidade é jogada ao professor de Português.

Na minha concepção, acredito, sim, que é tarefa de todos e que deveria realmente ser cumprida por todos. O que sabemos, infelizmente, é que isso não acontece. Alguns, talvez desinformados, iludem-se ao acreditarem que estão contribuindo com uma grande parcela na luta pelo leitor eficiente. Encerro com as palavras de Kleiman e Moraes (2002):

Deixar a responsabilidade do ensino da leitura ao professor de Língua Portuguesa equivale a negar o valor social da leitura. O papel do professor de Português é propiciar as condições para que o aluno descubra como esse objeto é construído e articular a leitura do texto ao objeto cultural do qual ele é uma manifestação (aos gêneros), mas ajudar o aluno a entender o texto e apreciar e valorizar a leitura é trabalho de todos (Kleiman; Moraes, 2002, p. 127).

5 CONCLUSÃO

Após os estudos realizados, baseados em diferentes concepções de leitura, conclui-se que os professores de diferentes áreas do conhecimento possuem diferentes posicionamentos

³ A quem cabe o compromisso de ensinar a ler na escola?

em relação à leitura como se pode confirmar no quadro demonstrativo (Anexo 2). O que na verdade acontece é um mescla de concepções que, muitas vezes, nem estão apoiadas em uma teoria consistente, o que ocasiona uma certa incerteza na elaboração da própria concepção pelo professor e também ao lidar com práticas de leitura em sala de aula.

Pela análise detecta-se também que, provavelmente, alguns educadores ainda esperam que a tarefa de formar leitores fique apenas com os professores de Língua Portuguesa, pois pela entrevista observou-se que é isso que vem acontecendo, conforme depoimento de alguns. Apesar de afirmarem que toda a escola tem o compromisso de preocupar-se em trabalhar meios para que os alunos sejam bons leitores, na prática nem sempre isso acontece.

Por outro lado, constata-se que há sim uma consciência por parte dos educadores quanto à necessidade desse trabalho e a maioria vem realizando atividades que buscam o aprimoramento desses alunos como verdadeiros leitores.

Sabe-se que é de suma importância o aluno mostrar-se interessado, para que o trabalho do professor com a leitura seja satisfatório, e também cabe aos pais incentivarem seus filhos, para que a escola seja bem sucedida nessa tarefa. Infelizmente os alunos mostram-se, na sua grande maioria, desmotivados e acabam restringindo sua leitura a apenas aquilo que é solicitado pelo professor em sala de aula.

É preciso urgentemente mostrar a todos os professores das diferentes áreas do conhecimento que a sua preocupação e o trabalho efetivos com a leitura contribuem para que as dificuldades de compreensão leitora diminuam em boa parte. Acredita-se que uma proposta de trabalho escolar que se situe além das preocupações alienantes e individualistas do currículo tradicional e que envolva as diferentes áreas do conhecimento possa permitir a promoção da leitura como um ato produtivo e um trabalho coletivo em sala de aula.

REFERÊNCIAS

ABREU, Márcia (Org.). **Leitura, história e história da leitura**. Campinas, SP: Mercado de Letras: Associação de leitura do Brasil; São Paulo: FAPESP, 1999.

BARBOSA, José Juvêncio. **Alfabetização e leitura**. 2.ed. São Paulo: Cortez, 1994.

CAVALLO, Guglielmo; CHARTIER, Roger. **História da leitura no mundo ocidental**. São Paulo: Ática, 2002.

CHEMIN, Beatris; SCHNEIDER, Dália. **Manual da UNIVATES para trabalhos acadêmicos**. Lajeado: UNIVATES, 2001.

COLOMER, Teresa; CAMPS, Anna. **Ensinar a ler, ensinar a compreender**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

EVANGELISTA, A; BRANDÃO, H. (Orgs.). **A escolarização da leitura literária**. Minas Gerais: Autêntica, 1999.

FLÔRES, Onici C. **Ensino de língua e literatura: alternativas metodológicas**. Canoas: ULBRA, 2001.

FURASTÉ, Pedro Augusto. **Normas técnicas para o trabalho científico**. Porto Alegre: s.n., 2002.

KLEIMAN, Ângela B.; MORAES, Silvia E. **Leitura e interdisciplinaridade: tecendo redes nos projetos da escola**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1999.

LEFFA, W. **Aspectos de Leitura: uma perspectiva psicolinguística**. Porto Alegre: Sagra, 1996.

MAGALHÃES, I. **Linguagem/Leitura**. Brasília: UFB, 1999.

MANGUEL, Alberto. **Uma história da leitura**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

NEVES, I. C. B. et al. **Ler e escrever: compromisso de todas as áreas**. 3. ed. Porto Alegre: Universidade UFRGS, 2000.

OLSON, David R. **O mundo no papel**: as implicações conceituais e cognitivas da leitura e da escrita. São Paulo: Ática, 1997.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Criticidade e leitura**: ensaios. Campinas, SP: Mercado de Letras; Associação de Leitura do Brasil, 1998.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Leitura e realidade brasileira**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

TEBEROSKY, Ana et al. **Compreensão de leitura**: a língua como procedimento. Porto Alegre: Artmed, 2003.

ANEXO 1 – Questionário

1 – Para você, o que é leitura?

2 – Por que a leitura é importante e o que, na verdade, ela significa?

3 – Você propõe a seus alunos momentos de leitura na sala de aula? Como isso acontece?

4 – Você percebe dificuldade de compreensão leitora em seus alunos? Como você verifica as dificuldades?

5 – A quem cabe o compromisso de ensinar a ler na escola?

A aplicação dos instrumentos investigativos foi realizada por mim, professora investigadora, encontrando boa receptividade do grupo entrevistado, que demonstrou extrema disposição e sinceridade ao responder o questionário.

ANEXO 2 – Quadro demonstrativo das concepções dos professores sobre leitura apresentadas na entrevista

1– Leitura como decodificação	Leitura é ler o que uma pessoa escreveu.	Ler é decifrar o que está escrito.	É um ato de decifrar, fixar, qualquer texto ou qualquer realidade, segundo critérios determinados, ou pelo simples fato de ler.
2– Leitura como informação e conhecimento de mundo	É aprender a interpretar, analisar, ver e compreender o mundo de formas cada vez mais novas.	Leitura é a compreensão do mundo, é decifrar o mundo da escrita, inserindo o indivíduo no contexto fundamental para a sobrevivência do mundo atual.	A leitura melhora muito a escrita do aluno e sua visão de mundo.
3– Leitura como Compreensão	Leitura não é simplesmente decifrar o que está escrito, mas compreender aquilo que você está lendo.	Ler é principalmente compreender o que as palavras nos querem transmitir.	
4– Leitura como um ato cognitivo	Leitura é compreensão e construção de conhecimento. Quando lemos, processamos informações, estabelecemos relação com aquilo que já sabemos e, a partir disso, construímos o conhecimento.		
5– Leitura como um meio de comunicação	Leitura é um meio de comunicação.		
6– Leitura como transmissão de conhecimento	É transmitir e receber conhecimentos por meio da escrita.		